

Museo Thyssen-Bornemisza

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DA ARTE

sustentabilidade.

*Alguns desafios sociais a
partir da Coleção Thyssen-
Bornemisza*

25

1992-2017
MUSEO THYSSEN-
BORNEMISZA
MADRID





sustentabilidade.

Arte e sustentabilidade. Alguns desafios sociais a partir da Coleção Thyssen-Bornemisza é um itinerário através da coleção permanente do Museu Thyssen-Bornemisza de Madrid concebido para fomentar o pensamento sustentável. Ao longo do percurso, o/a visitante observará que a seleção de obras foi realizada com critérios de experiência estética que relacionam a arte e o desenvolvimento sustentável em termos de ecologia, economia e sociedade. Com este fim, foi reunido um conjunto de pinturas que queremos reinterpretar de uma perspetiva que permita gerar empatia com o meio ambiente e a sustentabilidade. Não consiste em obras de arte ecológicas, mas em obras-mestras da história da arte que permitem uma reflexão sobre as relações que historicamente foram estabelecidas entre a produção cultural, a sociedade e o meio ambiente.

Este percurso foi possível graças à colaboração da ACCIONA.



Para saber mais, dispõe do documento extenso no sítio
www.museothyssen.org/en/visit/thematic-tours/sustainability;
além disso existe um audioguia do percurso

www.museothyssen.org | www.acciona.com | www.sustainabilityandart.com

Contracapa interior: **Vincent van Gogh** *Descarregadores em Arles*, 1888. Óleo sobre tela. 54 × 65 cm. Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid. Planta 1, sala 32. Contracapa: **Kurt Schwitters** *Merzbild Kijkduin*, 1923. Óleo, lápis e assemblage de madeira sobre cartão. 74,3 × 60,3 cm. Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid. Planta 0, sala 44. A localização dos quadros está sujeita a alterações.





Canaletto

O Canal Grande a partir do Campo San Vio, Veneza, c. 1723-1724

«Gostava da ausência de automóveis em Veneza. Dava à cidade um ar mais humano. As ruas eram as suas veias e as pessoas que iam e vinham constantemente eram o seu sangue.»

Patricia Highsmith, *O Talentoso Mr. Ripley*, 1955

Ligada à água desde as suas origens, a história da cidade de Veneza é a história da planificação urbana pensada a partir de dinâmicas de crescimento económico baseadas no comércio marítimo. Nos tempos de Canaletto, um fluxo constante de aristocratas, artistas e intelectuais europeus viajava pela Itália dentro do denominado *Grand Tour*, antecedente imediato do turismo moderno que, massificado, ameaça agora a sustentabilidade patrimonial da Veneza contemporânea, em risco de se converter numa cidade não habitável.





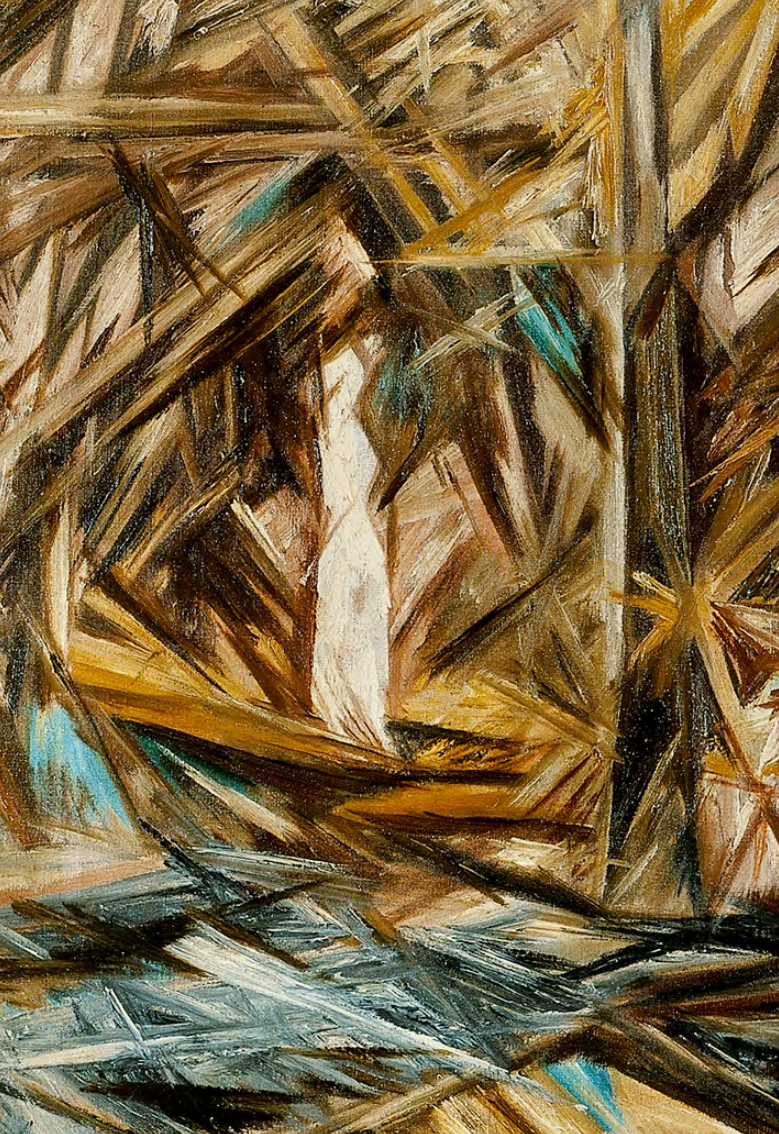
Jacob Isaacksz. van Ruisdael e colaboradores (?) *Paisagem de Inverno*, c. 1670

Jacob van Ruisdael representou toda a dureza do inverno holandês, um contexto em que as fontes de energia resultavam fundamentais. Neste quadro encontram-se dois tipos antagónicos dessas fontes de energia, que contribuíram para o desenvolvimento económico e industrial dos Países Baixos. No centro da pintura observa-se um armazém de turfa, que representou uma ameaça para a agricultura holandesa devido às agressivas técnicas de exploração subterrânea utilizadas para a sua extração. Ao fundo, pode-se observar um moinho, que se move graças à força do vento, produzindo um tipo de energia limpa e inesgotável. Este exemplo tem de nos ajudar a refletir sobre o tipo de economia que queremos adotar para não acabar com os recursos que o planeta nos oferece.



Caspar David Friedrich *Manhã de Páscoa*, c. 1828-1835

Perante uma relação de domínio e exploração, o romanticismo alemão apresentará uma atitude contemplativa do ser humano em relação à natureza. Para Caspar David Friedrich, a arte exerce uma função de mediadora entre uma natureza impressionante e um ser humano que se sente ao mesmo tempo superado e atraído por ela. Nesta tela tudo adquire uma profunda interpretação espiritual: grupos de três mulheres caminham para um cemitério numa manhã de Páscoa em que a natureza celebra o seu despertar, tal como indicam os rebentos verdes dos ramos das árvores. De costas, as mulheres servem a Friedrich como elemento de implicação e medeiam entre a paisagem e os espectadores do quadro.





Natalia Goncharova *O Bosque*, 1913

«Toda a vida amei o campo e vivo na cidade».

Natalia Goncharova

Natalia Goncharova fez parte do grupo de artistas russos que recuperaram a arte popular local para a integrar nas experiências vanguardistas da abstração raionista (raio de luz). Grande parte da produção da pintora está dedicada ao meio rural, donde era originária a sua abastada família. O resultado estético de *O bosque* aproxima-se dos *lubki* russos, contos populares talhados em madeira que decoravam as casas das famílias camponesas. Deste modo, o trabalho técnico do quadro e a evocação do bosque situam-nos dentro desse ecossistema, pulmão da Terra ameaçado pela deflorestação.

Óleo sobre tela. 130 × 97 cm. Planta 0, sala 43

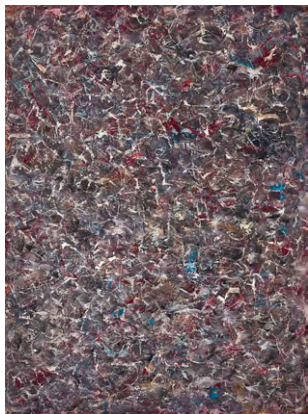




Romare Bearden *Domingo depois do Sermão, 1969*

A presença na coleção do Museu Thyssen-Bornemisza da obra de um artista afroamericano oferece-nos a oportunidade de meditar sobre a equidade social e o reconhecimento de outras culturas dentro do relato da história da arte ocidental, fatores indispensáveis para um desenvolvimento sustentável. Implicado politicamente na luta pelos direitos da comunidade negra nos Estados Unidos, na obra de Romare Bearden convivem em equilíbrio traços da cultura ocidental (*collage* e cenas de género) e as práticas sociais da comunidade afroamericana da cidade de Nova Iorque.





Mark Tobey *Ritmos da Terra*, 1961

Mark Tobey foi um pioneiro da abstração americana e dos estudos da caligrafia oriental. A sua «escrita branca» é expressão de várias culturas visuais. Tobey escreve a pintura com o ritmo caligráfico das linhas brancas que nunca se fecham e que organizam o equilíbrio da composição a modo de constelação. O estudo meditativo que Tobey efetua da natureza transcende a tradicional contemplação ocidental para penetrar nos ritmos biológicos. De forma metafórica, a universalidade dos seus temas converte este quadro na desculpa perfeita para abordar a urgência de escutar os ritmos da terra e respeitar os limites do planeta para garantir a sustentabilidade das gerações futuras.



1923,